CINE-ÁRVORE: ENTRE A CIDADANIA E A ARTE

Beatriz Rauscher
Programa de Pós-graduação em Artes
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

Este artigo pretende apresentar as reflexões desencadeadas pelo trabalho "[sobre] viventes" realizado no ano de 2009, que se configura como resultado parcial da pesquisa *Situações do olhar impressões e projeções de imagens da cidade - Etapa II Poéticas urbanas contemporâneas.* A justificativa de tratá-lo aqui é o fato da própria pesquisa se colocar entre dois territórios de investigação: a cidade e a arte. Assim, o trabalho em questão, opera um fazer artístico ativista, que segundo Paul Ardenne, que se coloca entre os campos da cidadania e da arte.

Palavras-chave: arte em contexto urbano; poéticas da cidade; lugar.

Abstract:

This paper presents the reflections triggered by the work "[sobre] viventes" was held in 2009, which is configured as a partial result of research " Prints and projected images of the city - Stage II Urban Contemporary Poetics". The reason to treat him here is that research itself is put between two areas of investigation : the city and art. Thus, the work in question operates an artistic activism, who according Paul Ardenne, which arises between the fields of citizenship and art.

Keywords: *art in the urban context, poetic city; place.*

A CIDADE COMO LUGAR

"[sobre] viventes" tem como principal matéria a cidade. Mais do que trabalho sobre a cidade e sobre as imagens que posso tomar dela, aqui a cidade é a matéria sobre a qual trabalho. Do mesmo modo que em propostas anteriores,[1] nos quadros dessa mesma pesquisa, é o contexto urbano que determinou a sua concepção . A principal característica do trabalho é emergir da ordem das coisas concretas. Para Paul Ardenne as obras em contexto urbano se inscrevem na cidade em uma relação não mais ilustrativa, mais numa relação encarnada (2004).

Assim, conforme exemplificado em relação aqueles trabalhos , podemos, a partir de Ardenne, generalizar que o artista que leva em consideração o contexto urbano, age

em três momentos diversos na construção de sua obra. Em primeiro lugar, age como um *prospector:* em interação com as coisas cotidianas, no segundo o artista assume o perfil do *ativista* agindo com base nos dados que toma do contexto; no terceiro momento o artista busca legitimar o seu trabalho como arte. É quando ele assume os papéis do documentarista e do arquivista.

Quero colocar o foco principalmente neste segundo momento. É quando a ação do artista "vai se revelar tanto afirmativa e voluntariosa quanto prospectiva e experimental (...)" (ARDENNE, 2004, p.12). Assim sendo, a arte se deixa atravessar pelo discurso da ética e da cidadania, sem abrir mão do sensível e dos processos artísticos. Mais que um produtor de formas, diz Ardenne, o artista, se transforma em ator, personalidade de uma ação, às vezes ativista e crítico, cuja postura, mais social do que no isolamento no ateliê, o torna engajado, perturbador e vigilante: aquele que vigia os fatos e ouve seus ruídos. Se assim o consideramos, podemos dizer que este artista se situa "entre territórios," nesse caso, da cidadania e da arte.

A prática de uma arte como manifestação urbana "ativista" - nos explica Armando Silva (2001, p.XXI) - pode ser uma das "diferentes maneiras (que os cidadãos têm) para significarem-se como seres da cidade". Ao me colocar nesse lugar, nesse espaço "entre territórios" pude abordar questões que já se revelavam latentes na minha trajetória artística, cuja ênfase se coloca na abordagem da natureza, e ainda exercitar de modo efetivo um questionamento crítico que busca e propõe alternativas para a vida cotidiana nas cidades. A arte, como ferramenta, permitiu mobilizações éticas, poéticas e políticas.

Tratarei então, de forma breve a proposta e a realização do trabalho "[sobre]viventes" realizado no ano de 2009, na cidade mineira de Uberlândia.

LUGARES DE CORTES

Durante os anos de 2001 até 2005 desenvolvi a pesquisa "Imagens do corte[2]" ancorada em uma articulação entre teoria e prática e que resultou em um conjunto de cinco exposições e uma série de ensaios.

Na produção prática busquei a constituição de um repertório de fotografias de restos de árvores cortadas encontrados nas calçadas da cidade. As fotografias eram

reveladas, analisadas, selecionadas, digitalizadas e armazenadas no computador para serem retomadas posteriormente em ampliações e submetidas a diferentes suportes. Além de uma coleção de fotografias dos topos dos caules que constituíram o corpo principal das Imagens *do corte*, desenvolveu-se paralelamente, e durante toda a pesquisa, uma série de imagens de documentação das calçadas onde se encontravam os troncos. Tal conjunto de fotografias, algumas em cor, outras em preto e branco, deu origem ao *Diário das calçadas,* que se revelou um importante instrumento para aquele estudo. Fundamental na reflexão de vários aspectos postos pela pesquisa, esse documentário, num primeiro momento materialmente precário e parcial, adquiriu autonomia em trabalhos subseqüentes[3].

Fig. 1 - Luana Diniz e Beatriz Rauscher, "[sobre] viventes" projeção de vídeo sobre o tronco da árvore

Diante da constatação da minha impotência (como artista e como cidadã[4]) em relação aos cortes, pensei em uma nova estratégia: passei a observar com mais atenção as grandes árvores localizadas no espaço urbano, inferindo se estariam ou não em risco de serem cortadas. Pensando na tradição das fotografias comparativas que revelaram as grandes transformações arquitetônicas, urbanas e sociais nas cidades[5] comecei a fotografar as árvores maiores que encontrava nas calçadas, porque assim, poderia aproximá-las das fotografias dos cortes, provocando um sentido de assimetria.

CARTOGRAFIA DE ÁRVORES

A proposta "[sobre] viventes" foi elaborada para participação do Projeto Arte Urbana, edição de 2009, da Secretaria Municipal da Cultura de Uberlândia. Configurou-se como um plano ação em espaço público que reuniria pesquisadores ligados ao Núcleo de Pesquisa em Artes Visuais / NUPAV – UFU, da linha de pesquisa "Poéticas da Imagem" que participam da pesquisa "Situação do olhar. impressões e projeções de imagens da cidade. Etapa II – Poéticas Urbanas Contemporâneas", sob minha coordenação.

A pesquisa, naquele momento, se desdobrava em uma segunda etapa na qual a *situação do olhar* deu lugar *à situação do lugar*, a partir da noção de esfera pública fragmentada, segundo Simon Sheik (2008, pp. 127-128). Assim, o que as cartografias do corte mostravam e que pode ser observado nas idéias de Sheik é que a cidade não pode ser pensada como um todo, não só quando se trata de produção quanto de recepção. Considera-se, então, que o trabalho em espaço público emprega outras noções de espacialidade e temporalidades, devendo-se tomar como ponto de partida a noção de diferentes campos.

Propusemos, deste modo, interferir pontualmente em determinado fragmento da cidade. A ação artística seria localizada no entorno de uma dessas árvores sobreviventes e teria o objetivo de envolver os moradores próximos a ela. A questão colocada pelo trabalho estaria focada na questão da sobrevivência de resquícios de uma arborização urbana da década de 1950 (ocasião marcada por uma urbanização planejada da cidade de Uberlândia), e do direito da população ao uso e criação (ou recriação) do seu próprio espaço de habitar.

Passo a seguir para a descrição da execução da proposta[6] que contou com a parceria da estudante do Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, Luana Martins Diniz, que obteve bolsa do Programa de Iniciação Científica UFU / FAPEMIG, para o desenvolvimento de seu plano de trabalho junto à pesquisa intitulado "Sobre-viventes: fotografias de árvores ameaçadas em espaço público".

Etapas:

(1) Levantamento das árvores consideradas sobreviventes em uma fração da cidade

(2) Elaboração de vídeo de 10 m sobre estas árvores para ser apresentado em looping;

(3) Escolha dos espaços de projeção para análise dos aspectos técnicos, plásticos e espaciais;

(4) Negociação com os moradores e comerciantes próximos ao local da projeção para estabelecer o dia e horário das ações;

(5) Produção de impresso explicativo sobre a proposta e convite à participação, para distribuir aos moradores e comerciantes das proximidades;

(6) Projeção noturna do vídeo, ao ar livre, no entorno de uma árvore;

(7) Registro da ação através de fotografias e vídeo para documentação e análise ;

(8) Elaboração de artigo e relatório de pesquisa com os dados tomados a partir da experiência "[sobre] viventes".

Coube a bolsista registrar fotograficamente as árvores que se encontram em risco nas calçadas do centro da cidade, para isso marcamos os limites cartográficos do centro de Uberlândia como fração escolhida para a tomada das imagens. O Centro se mostrou mais indicado por ser uma das porções da cidade que mais sofre com mudanças próprias das áreas comerciais, sendo elas: colocação de grandes painéis publicitários, reformas em fachadas, adequação de imóveis de uso residencial para de uso comercial e reforma de calçadas. Entendemos que estas transformações afetam a vegetação em espaço público, que por ocupar calçadas estreitas, muitas vezes é afetada por estas mudanças. Consideramos também, para fins de análise, como ameaçadas as árvores que não estão classificadas no rol das espécies fornecidas pela prefeitura de Uberlândia para arborização urbana[7]. São árvores de grande porte que são hoje consideradas inadequadas ao espaço urbano. Entre elas identificamos : sibipiruna, mangueira, sete-copas, cinamomo, fícus, pau-brasil, seringueira, pau-cigarra.

A localidade do centro é composta por 37 vias de trânsito de veículos, sendo elas ruas, avenidas e travessas. Mas foi observado que não são todas as vias que

possuem árvores que se encontram em risco, foram localizadas árvores que consideramos ameaçadas em 24 dessas vias.

Transitando por este setor da cidade fizemos as tomadas fotográficas e as observações que foram descritas e analisadas no "Relatório Final do Programa Institucional de Iniciação Científica / UFU / FAPEMIG" concluído em fevereiro de 2010.

Fig2 - Luana Diniz , fusão de fotos desenvolvida no vídeo *Amálgama.*

A fotografia foi abordada enquanto um gênero de discurso, mas elaborando um discurso subjetivo através da produção de uma vídeo-sequência de imagens, visando assim, propor um diálogo do espaço referencial com o espaço do espectador. A imagem fotográfica, neste trabalho, não só é memória da cidade, mas, tem a potencialidade de operar transformações na materialidade deste espaço. "Conforme observa Dubois a fotografia "não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real" (1993, p. 26). Assim , se oferece como instrumento que possibilita explorar o real e criar sobre ele novas realidades. Para ressignificar essas imagens, o meio encontrado foi a manipulação das fotografias digitais através de um editor de vídeo. Nele, a imagem foi manipulada promovendo passagens, transparências e sobreposições entre elas. Como nas tomadas o assunto foi propositalmente

centralizado, a maneira de dinamizar a seqüência foi organizá-las considerando o tronco como eixo e ponto de intersecção.

Intitulado *Amálgama*, o vídeo de 13min, realizado por Luana Diniz, foi construído com as fotos das árvores catalogadas. A elaboração da imagem-movimento desse vídeo privilegiou a fusão, onde a manipulação permitiu mesclar uma fotografia na outra. Essa fusão se dá no tempo e forja o movimento das fotos, proporcionando uma representação da transformação visual das árvores, colocando ênfase na visão das podas indiscriminadas e radicais das árvores com as quais dividimos o espaço da cidade. Este foi um dos vídeos projetados sobre a grande figueira do Bairro Saraiva, na ação artística "[sobre] viventes" e executada em dezembro de 2009.

Fig.3 – O lugar, a árvore, o convite e a projeção

ENTRE O PROJETO E A EXPERIÊNCIA

A experiência "[sobre]viventes" buscou explorar a imagem da realidade, intervindo na própria realidade. A árvore escolhida para ação foi uma antiga figueira que se encontra na esquina rua Tapajós com a rua Machado de Assis , no Bairro Saraiva, em Uberlândia. A escolha dessa árvore se deu por dois motivos. O primeiro por considerá-la uma árvore em situação de risco, porque do mesmo modo que as fotografadas no Centro, ela se encontra inadequada para o lugar. Seu tronco e partes visíveis das raízes são muito grandes para a calçada onde foi plantada. Outro motivo que nos leva a supor que ela pode ser cortada a qualquer momento é o fato de que o imóvel que ocupa a esquina é uma estrutura precária para um carrinho de lanches, ou seja, um imóvel desprestigiado que poderá dar lugar a uma casa ou

prédio onde uma árvore desse porte pode se tornar incompatível. O segundo motivo para escolhê-la é físico e estético. Trata-se de uma bela árvore que tem uma visibilidade grande, por se encontrar em uma rua de fluxo constante de carros e ônibus. Gigante para os padrões da cidade, seu tronco largo oferece superfície para projeção de 100 x 100 cm, permitindo uma ótima visibilidade à média distância.

Sendo o nosso propósito chamar a atenção para a beleza e a fragilidade da paisagem vegetal no espaço urbano, o local se mostrou o ideal para esta ação. Uma projeção durante algumas horas, a noite, lançou luzes e olhares para ela.

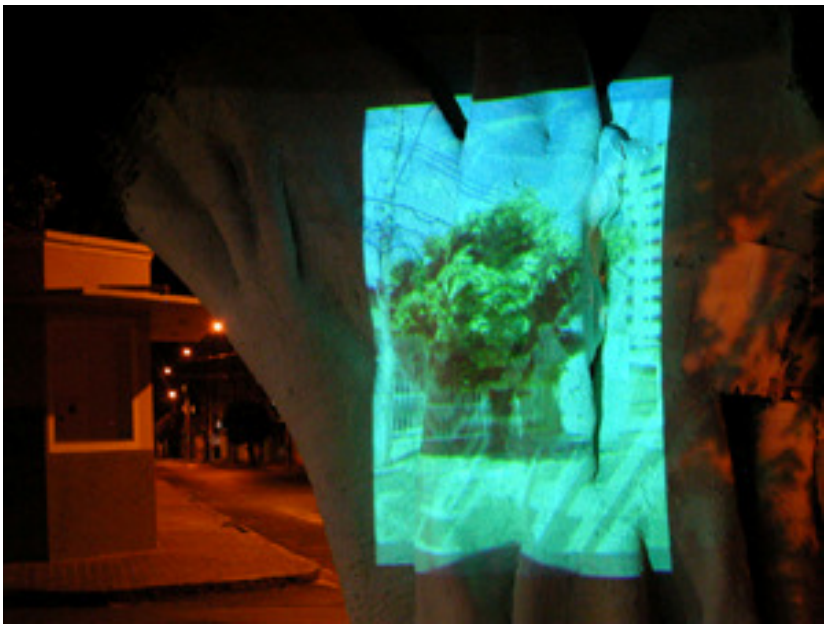

Fig. 4- Luana Diniz e Beatriz Rauscher, [Sobre] viventes, projeção de vídeo sobre o tronco da árvore

O intuito foi envolver os passantes e moradores próximos a ela em nossas preocupações e a chamar atenção para a importância da qualidade do espaço urbano na vida da população. Mais importante ainda na intervenção sobre essa árvore é destacá-la no espaço onde ela se situa, e levar imagens de outros espaços da cidade. Sendo assim, a intervenção valoriza aquele espaço como um lugar de encontro e de afetos como poucos na cidade.

O resultado da ação foi de curiosidade e atenção por parte dos moradores do bairro. As pessoas surgiram espontaneamente e se manifestaram dizendo seu gosto pela projeção no tronco da árvore, pelos vídeos projetados e pela ocupação do espaço com uma intervenção artística, dando um novo significado a esse, enquanto um espaço de memória.

As pessoas estão pouco expostas à arte, mais mesmo assim, todas que pudemos conversar se mostraram muito sensíveis à ação. Falaram daquela árvore, quando tinha sido plantada e por quem; sugeriram outras árvores e locais do bairro para novas projeções; falaram do afeto por aquele lugar e perguntaram quando voltaríamos ali com nosso "cine-árvore". Eis importantes questões a respeito das pessoas comuns e do seu dia-a-dia na cidade. Entendemos que é no modo como o trabalho se oferece que está a chave para a comunicação com o outro. Intervir no espaço, em contato com as pessoas desse ambiente, significa intervir em sua vida, onde elas vivem, circulam, e também sobrevivem.

---

[1] "planta-se placas" e "imagens estilhaçadas" são trabalhos que foram tratados no artigo "Cruzamentos, esquinas e a s*ituação do lugar:* ações artísticas em contexto urbano", apresentado na ANPAP em 2009, e fazem parte da pesquisa "Situação do olhar. impressões e projeções de imagens da cidade. Etapa II – Poéticas Urbanas Contemporâneas" , portanto , este texto retomará algumas questões postas anteriormente e revelará também aproximações entre eles.

[2] RAUSCHER, Beatriz B.S**.** *Imagens do Corte.* Desdobramentos operatórios em imagens impressas e projetadas. Tese de doutorado em Poéticas Visuais. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Tese realizada com o apoio da CAPES (bolsas PICDT no país e PEDEE no exterior). Orientadora: Sandra Rey. Co-orientador estrangeiro: Philippe Dubois.

[3] Sobre o conjunto de fotografias "Diário da calçadas" e as questões do documentário fotográfico contemporâneo ver RAUSCHER, B.B. S. "A ninfa cortada" in ROCHA, C. (org.) Anais do 15º. Encontro Nacional da ANPAP . Arte: Limites e contaminações. v.1 Salvador, 2007 pp. 445- 455.

[4] Muitas vezes procurei a Secretaria do Meio Ambiente para questionar esses cortes, porém fui informada de que, em se tratando de um corte realizado pelo proprietário da residência em cuja calçada se encontra a árvore, não há necessidade de autorização. Depois, com a mudança da gestão municipal, voltei a denunciar os cortes. Apesar de ter sido criado um serviço de reclamações – tanto através da internet, quanto pelo telefone - chamado "Fala Cidadão" , a fiscalização é lenta, impossibilitando qualquer impedimento ao corte (muitos ocorrem aos domingos) . Fui informada de que, se quem corta essas árvores, planta outras no lugar, (na maior parte das vezes pequenos coqueiros, arbustos e árvores de pequeno porte) está livre das multas.

[5] Entre outros é de notável importância a obra de Militão Azevedo (1837-1905) que registrou fotograficamente vários locais em diferentes épocas em tomadas do mesmo ângulo para o *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862-1887)*. O trabalho é composto de 60 fotos das quais 18 são pares comparativos.

[6] A proposta "[Sobre] viventes" recebeu o premio de Menção Honrosa pelo júri do Projeto Arte Urbana da Secretaria Municipal da Cultura , no entanto foi executada graças apoio da FAPEMIG e do Núcleo de Pesquisa em Artes Visuais da UFU.

[7] O Horto Municipal oferece gratuitamente as mudas das seguintes árvores: de pequeno porte (de 3 a 6 metros) Calistemon; Chapéu de Napoleão; Flamboyant; Hibisco; Murta; Rosedá. De médio porte (de 6 a 7 metros) Alfeneiro; Cássia Imperial; Chorão; Quaresmeira e de grande porte (de 6 a 12 metros) Escumilha africana; Ipê roxo; Jacarandá mimoso; Mirindiba; Oiti; Dafonteria.

Referências

AZEVEDO, Militão Augusto de, Comentário Crítico. Enciclopédia Itaú Cultural – Artes Visuais. Acesso em 27/03/20010, Disponível em http://www.itaucultural.org.br/AplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2804&cd_item=2&cd_idioma=28555

ARDENNE, Paul. Um art contextuel. Créaton aristique em milieu urbain, em situation, d'intervention, de participation. Paris: Flammarion, 2004.

DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico. – Campinas, SP: Papirus, 1993.

_____ Por uma estética da imagem de vídeo. In: Cinema, vídeo, Godard; tradução Mateu Araújo Silva. – São Paulo: CosacNaify, 2004.

POIVERT, M. *La photographie contemporaine.* Paris: Flammarion, 2002.

SHEIKH, Simon. No lugar da esfera pública? Ou o mundo em fragmentos. *In* KUNSCH, Graziela. Revista Urbânia3 . São Paulo: Editora Pressa, 2008 (pp.127-135).

SILVA, Armando, Imaginários urbanos. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andres Bello, 2001 (Estudos;173).

Beatriz Rauscher

Artista visual, professora do Programa de Pós-Graduação em Artes e do Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU–MG), doutora em Poéticas Visuais (UFRGS - RS). É coordenadora do Grupo de pesquisa Poéticas da Imagem da UFU -MG.

biarauscher@terra.com.br